



Eixo: Ética, Direitos humanos e Serviço Social.

Sub-eixo: Direitos Humanos, formação e exercício profissional.

A DISCIPLINA DE GÊNERO COMO MEIO DE TRANSFORMAÇÃO SOCIAL

CARLA DA SILVA¹
AMANDA FERRARI SILVA²

Resumo: O presente artigo aponta o levantamento, sobre a implantação da disciplina de gênero na faculdade de Serviço Social da PUC Campinas e a repercussão desse aprendizado na vida das(os) discentes. A disciplina foi introduzida no currículo obrigatório do curso em 1990 desde então é ministrada e defendida como eixo estruturante. A pesquisa utilizou-se da análise de documentos institucionais e de entrevistas estruturadas com os discentes, concluintes do ano de 2017 e 2018. As análises demonstraram a incontestável relevância do debate sobre gênero através da disciplina, estimulando um envolvimento na defesa dos direitos e na promoção da igualdade de gênero.

Palavras-chave: Disciplina; Gênero; Formação Profissional.

Abstract: This article points out the survey about the implementation of the gender discipline in the Faculty of Social Work of PUC Campinas and the repercussion of this learning in the life of the students. The discipline was introduced in the compulsory curriculum of the course in 1990, since then it is taught and defended as a structuring axis. The research was based on the analysis of institutional documents and structured interviews with the students, graduates of the year 2017 and 2018. The analysis demonstrated the undeniable relevance of the gender debate through the subject, stimulating an involvement in the defense of rights and promotion of gender equality.

Keywords: Discipline; Gender; Professional qualification.

INTRODUÇÃO

O Serviço Social é uma profissão de caráter sociopolítico, crítico e interventivo, que se utiliza de instrumental científico multidisciplinar das Ciências Humanas e Sociais para análise e intervenção nas diversas refrações da “questão social”. Isto é, no conjunto de desigualdades que se originam do antagonismo entre a socialização da produção e a apropriação privada dos frutos do trabalho. Esse fruto da exploração capitalista, denominado expressões da questão social, desenvolve-se em vários setores da sociedade, primordialmente nas diversas áreas de atuação da(o) Assistente Social, como

¹ Professor com formação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. E-mail: <carla_servicosocial@yahoo.com.br>.

² Estudante de Pós-Graduação. Universidade Estadual de Campinas.

saúde, previdência social, educação, habitação, assistência social, sócio jurídico, entre outras.

Ao longo dos 80 anos de trajetória da profissão, o Serviço Social se depara com três momentos em que houve necessidade de se obter respostas por meio dos projetos profissionais, sendo eles: no processo de institucionalização do Serviço Social; com a vertente modernizadora do primeiro momento do Movimento de Reconceituação do Serviço Social no Brasil e, por último, com o Congresso da Virada (1979). A década de 80, em meio à derrota da ditadura e abertura para um governo democrático, mostrou-se memorável para a profissão, visto que a profissão se insere no “processo de recusa e crítica do conservadorismo” (NETO, 1999, p. 01) e se vincula aos setores populares da sociedade civil, resultando em um “projeto profissional novo, precisamente as bases do que está denominado projeto ético-político.” (NETO, 1999, p. 01).

Trata-se do projeto profissional que se pretende desenvolver em apoio às demandas dos setores populares organizados, cujos fundamentos se deslocam da sociologia positivista e funcionalista para a matriz marxista. As bases de legitimação da profissão são buscadas junto aos segmentos que constituem a própria clientela do Serviço Social, via implementação de políticas sociais, entendidas enquanto um direito, e o desenvolvimento de assessorias diretas aos movimentos populares (SILVA E SILVA, 2002, p. 68).

Os principais componentes que propiciaram essa formulação do projeto ético-político do Serviço Social no Brasil foram: A condição política propiciada pela conquista da democracia, uma vez que possibilitou à conquista de direitos cívicos

e sociais, bem como o debate entre projetos societários no interior da categoria profissional; a acumulação de massa crítica advinda da produção de conhecimentos pelo Serviço Social nos cursos de pós-graduação; e o redimensionamento da formação profissional com a reforma curricular de 1982, adequando à formação acadêmica “às novas condições postas seja pelo enfrentamento, num marco democrático, da questão social exponenciada pela ditadura, seja pelas exigências intelectuais que a massa crítica em crescimento poderia atender.” (NETO, 1999. p.13).

Portanto o projeto ético político defende os direitos humanos e tem o reconhecimento da liberdade – possibilidade de escolhas - como valor central, além do compromisso com a autonomia, a emancipação e a plena expansão dos indivíduos sociais. Sua dimensão política é a favor da equidade e justiça social, vinculado a um projeto societário que preconize a construção de uma nova ordem societária, prioritariamente sem a dominação de classe, etnia e gênero (NETO, 1999).

Segundo Lisboa (2010) é apenas em 1990 que aparece na academia a categoria gênero, legitimando os “estudos de gênero” e aproximando o serviço social dos movimentos feministas. Esse estreitamento acontece quando a profissão se engaja nas lutas das minorias sociais, enfrentando as questões referentes à violência contra as mulheres, discriminação étnica, racial e cultural, homofobia e outras. Ainda nessa década são criados, em todo o país, núcleos de estudos e pesquisas sobre as temáticas de gênero e violência e nos anos 2000 é acordado nos encontros da categoria a existência de eixos específicos que contemplem a temática de Serviço social e gênero.

A profissão de serviço social é formada majoritariamente por mulheres, sendo essa uma característica perpetrada no início da profissão com a centralidade na base apostólica, onde a igreja projetava na profissão os papéis pré-estipulados pela sociedade às mulheres – ajuda, abnegação, submissão, entre outros -, legitimando o ideal do assistencialismo, da naturalização à vocação do cuidado ao sexo feminino e da divisão sexual do trabalho. Também cabe destacar que a maioria do público atendido pelo serviço social é constituído por mulheres, reforçando gênero nas raízes de organização da profissão e na intervenção profissional.

Percebemos que ao longo da história da profissão, gênero não estava nas discussões e na construção do conhecimento do serviço social, como também as profissionais não participavam das lutas dos movimentos feministas ou na contribuição para os estudos de gênero, essa perspectiva só adentrou a profissão em 1990.

A autora Lisboa (2010), elucida que esse “desencontro” entre serviço social e feminismo foi exatamente por consequência das bases da profissão-doutrina social da igreja e da construção de conhecimento fundamentada,

primeiramente, no positivismo com ênfase nas teorias eurocêntricas e, posteriormente, na teoria marxiana.

(...) ao incorporar a teoria marxiana, a profissão sofreu a imposição de uma tendência homogeneizadora de construção do pensamento social, de uma teoria que se pretende universal e prioriza o enfoque de classe, desconsiderando a heterogeneidade do pensamento a partir das dimensões sócio históricas e culturais que emergem no cotidiano das práticas, entre elas as diferenças sexuais, de identidade, de raça/etnia e de gênero (LISBOA, 2010, p.67).

Em vista do exposto, podemos afirmar que, no decorrer da história do serviço social brasileiro, mesmo sendo perpassado por diversas questões de gênero, observa-se o descompasso da profissão com o movimento feminista e suas lutas, culminando na tardia construção de conhecimentos e estudos na perspectiva de gênero dentro da profissão.

Contudo, a partir de 1990, a discussão de gênero adquire certa importância nas diretrizes curriculares para os cursos de graduação de Serviço Social, aprovadas pela Associação Brasileira de Ensino e Pesquisa em Serviço Social (ABEPSS) em 1996, sendo considerada uma discussão que deve perpassar a formação profissional.

Para entender a importância da discussão e construção de conhecimento em gênero, para o serviço social, este trabalho tem como objetivo: analisar a repercussão da disciplina de gênero na vida dos discentes de Serviço Social da PUC Campinas, entrevistando os alunos concluintes dos anos de 2017 e 2018 que frequentaram a disciplina obrigatória de gênero no sétimo semestre. Para tanto, iremos traçar a história da inclusão da disciplina de gênero na grade curricular do curso de serviço social na PUC Campinas.

1. A DISCIPLINA DE GÊNERO: DO MOVIMENTO FEMINISTA A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

No Brasil os movimentos feministas intensificaram suas reivindicações no início da década de 80, com diversas manifestações, principalmente frente à questão da violência contra a mulher.

Neste período algumas alunas do curso de Serviço Social de Campinas³ e de outras faculdades, adentraram no movimento feminista e começaram a discutir no interior da academia as suas pautas, correlacionando-as com as suas atribuições como “futuras” profissionais.

Diante da efervescência desse movimento, as alunas de Serviço Social da PUC Campinas/SP iniciaram um grupo de estudos sobre gênero, resultado das experiências vivenciadas no campo de estágio da ONG SOS Ação Mulher e Família (instituição que trabalha desde a década de 80 com mulheres em situação de violência). Esse grupo ganhou corpo e repercussão, resultando na formação de muitas profissionais atuantes no exercício profissional e na academia. Fruto dessa articulação foi a Dra. Mirian Faury, que após ter participado do grupo de estudo, ingressou no movimento feminista, cofundou a ONG SOS Ação Mulher e Família e assumiu em como professora titular da Faculdade de Serviço Social da PUC Campinas em 1983, idealizadora e responsável pela implantação da disciplina de gênero no curso de serviço social. Ministrou à disciplina desde a sua inclusão na grade curricular de 1990 até início de 2017⁴.

(...) a necessidade da inclusão da disciplina de gênero na formação profissional da Assistente Social como forma de preparar os discentes às novas demandas profissionais, criadas a partir das desigualdades sociais sob o enfoque de gênero, como também ensinar a “constituição social e cultural da sociedade brasileira do ponto de vista das mulheres e a configuração técnico-operativa do Serviço Social, nas respostas às demandas das mulheres” (FAURY, 2003, p.114).

A Faculdade de Serviço Social da PUC Campinas iniciou suas atividades em 1949, sendo uma das primeiras Faculdades do interior do Estado de São Paulo, assim como, uma das primeiras em incluir gênero como disciplina na grade curricular do curso de serviço social. “*Foram anos de resistência da PUC Campinas contra a legitimação da disciplina de gênero na grade curricular do Serviço Social, porém, em 1990, finalmente cederam*” (FAURY, 2017)⁵. Desde então, a disciplina de gênero é obrigatória, na formação profissional em serviço social na PUC Campinas. Tendo como ementa da disciplina de gênero: *Estudar*

³ Informações obtidas por meio de entrevista com a Dra. Mirian Faury em dezembro de 2017

⁴ Profa. Dra. Mirian Faury lecionou até março de 2017; faleceu em janeiro de 2018.

⁵ Entrevista cedida as autoras em dezembro de 2017.

e analisar as discriminações nas relações sociais de gênero, a violência, a vitimização e o fortalecimento do sujeito. Capacitar para trabalhos de prevenção e intervenção do Serviço Social na perspectiva das políticas sociais de gênero. Objetivo: Estudar as relações sociais de gênero que propiciam pensar as questões atuais de vida e sociedade, sob a ótica das mulheres e objetivos específicos: compreender a dinâmica do movimento social de mulheres e sua interface com as análises micro e macro sociais; Analisar a temática “Gênero e Serviço Social” com vistas à compreensão das discriminações e atuação nas políticas públicas voltadas para as mulheres. Conteúdo programático esta centrado no movimento social de mulheres, gênero e Serviço Social, perpassando pelo panorama da história social das mulheres, gênero, raça, etnia e políticas públicas na perspectiva de gênero (PLANO DE ENSINO, 2018)⁶

Na disciplina, o conceito de gênero esta pautado na autora Saffioti (2001), que refere à temática enquanto relações de poder, principalmente quando falamos do poder que a função patriarcal concebe ao homem perante a sua família, primordialmente sobre a mulher. A autora utiliza do conceito de exploração-dominação - “prefere-se entender exploração-dominação como um único processo, com duas dimensões complementares.” (SAFFIOTI, 2001, p. 117). Contrapondo com a autora Scott (1990), “gênero”, enquanto organização social das relações entre os sexos, inicialmente surgiu com as feministas americanas, já que estas reconheciam como de caráter exclusivamente social as distinções baseadas no sexo, portanto, ao substituírem as expressões “sexo” ou “diferença sexual” por “gênero”, negavam explicitamente o determinismo biológico que naturalizava as relações entre os homens e as mulheres, assinalando essas relações como uma construção social dos papéis pré-estabelecidos a esses agentes, excluindo argumentos pautados nas diferenciações biológico-sexuais.

Esse caminho metodológico escolhido pela Faculdade de Serviço Social possibilitou, conforme palavras de um discente entrevistado nesta pesquisa.

⁶ Plano de Ensino da disciplina de Gênero da Faculdade de Serviço Social da PUC Campinas, ano de 2018.

Sobre a disciplina de Gênero, começo ponderando a sua importância para a formação que vai além da acadêmica, mas que considero como uma formação humana, e que por isso posso achar um infortúnio não discutir o tema em outros cursos da universidade, principalmente na área de humanas. Isso porque, mediante a experiência que obtive nas aulas desse primeiro semestre de 2018, pude observar o quanto à matéria é completa em seu conteúdo na perspectiva que abarca o contexto histórico do papel da mulher com indícios e relatos que se não fundamentam o tema, faz com que refletimos e muito sobre o assunto. Logo após a rica introdução histórica, o contexto na contemporaneidade começa a fazer mais sentido daquilo que muitas das vezes partem de forma errônea e preconceituosa do senso comum, ou até mesmo de uma reprodução cultural e social, na qual também são discutidos os costumes e o quanto também tem sua influência. Tudo isso de forma reflexiva que fez com que conhecesse mais sobre esse universo, que por não ser mulher, não tenho a experiência prática muito menos saberia antes das aulas o quanto foi, e continua sendo custoso ser mulher nessa organização social na qual vivemos (E16, 2018).

Diante do exposto, analisaremos a implantação da disciplina de gênero na faculdade de Serviço Social da PUC Campinas e a repercussão desse aprendizado na vida das(os) discentes. A disciplina de gênero tem como objetivo: preparar as(os) discentes para intervir nas desigualdades sociais e *“ensinar a constituição social e cultural da sociedade brasileira do ponto de vista das mulheres e a configuração técnico-operativa do Serviço Social, nas respostas às demandas das mulheres”* (FAURY, 2003, p.114). A pesquisa utilizou-se da análise de documentos institucionais, da entrevista aberta com a idealizadora e responsável pela implantação da disciplina: Profa. Dra. Mirian Faury e de entrevistas estruturadas com as(os) discentes, concluintes do ano de 2017 e 2018.

1.1 A disciplina de gênero e suas repercussões

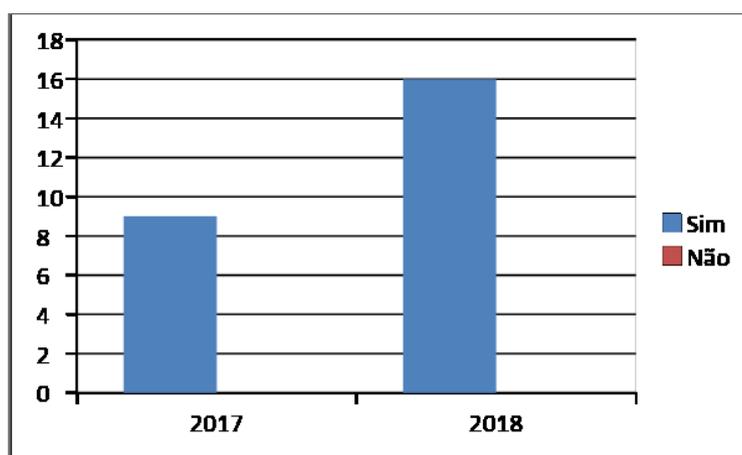
A desigualdade de gênero reflete diretamente na profissão das(os) Assistentes Sociais, visto que, conforme Lisboa (2010), além de 95% dos seus profissionais serem mulheres, essas atendem majoritariamente no seu cotidiano profissional usuárias do sexo feminino. Lisboa levanta algumas expressões da questão social, da qual a mulher esta sujeita e que demanda intervenção do profissional de serviço social:

(...) abuso sexual, violência contra mulheres, gravidez na adolescência, dificuldades em relação ao planejamento familiar, direitos reprodutivos, mulheres chefiadas de famílias, mulheres idosas vivendo sozinhas ou sustentando suas famílias, discriminação no mundo do trabalho, assédio moral, luta por cotas e ações afirmativas, lideranças femininas destacando-se junto aos movimentos e organizações sociais, mulheres encarceradas, aumento do número de mulheres envolvidas com o tráfico de entorpecentes, mulheres com dependência química tanto de álcool como de drogas, crise da masculinidade, discriminação e preconceito em relação à homoafetividade, entre outros (LISBOA, 2010, p.67).

Com essas especificidades da questão social, torna-se de suma importância a inclusão da disciplina de gênero na formação do assistente social. Para fundamentar essa afirmação, as pesquisadoras indagaram às/aos discentes de serviço social da PUC Campinas, concluintes em 2017 e 2018, acerca da repercussão da disciplina de gênero em suas vidas e na prática profissional. A pesquisa foi de cunho quali-quantitativa, utilizando-se de questionário com perguntas fechadas e abertas. As questões foram enviadas por e-mail para 11 alunos/concluintes do ano de 2017, entretanto, obtivemos o retorno de somente 9 entrevistados. Esse questionário também foi enviado aos alunos concluintes de 2018, sendo que 16 discentes responderam a pesquisa.

Vejamos as respostas dos discentes concluintes de Serviço Social de 2017 e 2018. A questão quantitativa abordada:

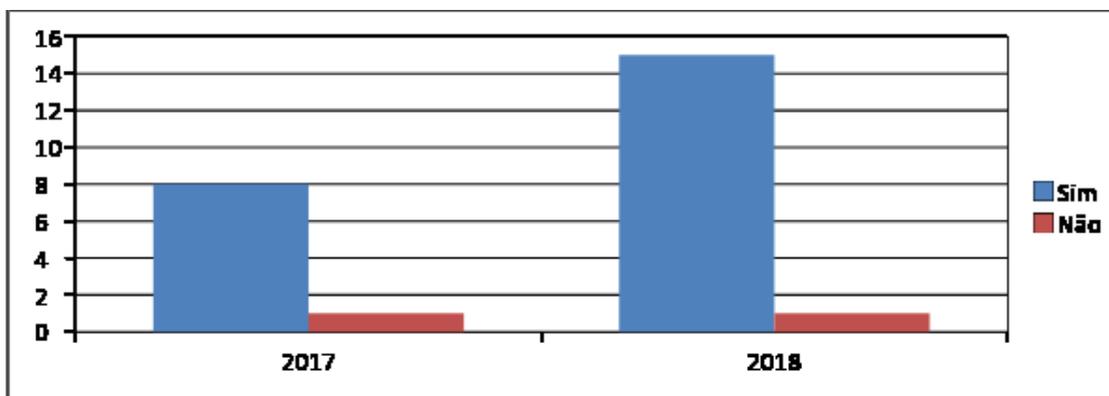
Gráfico 1: Você classifica como essencial a disciplina de gênero no curso de Serviço Social?



Percebemos quão é importante a disciplina de gênero para o curso de serviço social, visto que 100% dos alunos, tanto de 2017 quanto de 2018, responderam como essencial. Essencial entendida neste trabalho como fundamental para formação profissional, já que gênero está imbricado no exercício profissional, sendo este um arcabouço de conhecimentos necessários ao assistente social. Vale lembrar que os entrevistados tem somente a experiência de estágio, limitando a visão da totalidade da prática profissional, entretanto, são os alunos os futuros profissionais que observam no campo de estágio a necessidade de conhecimentos específicos, como gênero, pontuando assim, fragilidades e potencialidades para uma formação profissional de qualidade pautada na garantia dos direitos sociais e humanos.

Em outra questão, os estudantes também levantaram a potência que a disciplina de gênero tem nas transformações das relações pessoais e profissionais.

Gráfico 2: Após cursar a disciplina de gênero, houve transformação nas suas relações pessoais e profissionais?



Observamos que o resultado obtido dos alunos concluintes de 2017 foi semelhante ao dos alunos de 2018. Cabe destacar que muitas(os) alunas(os) são militantes do movimento e dos coletivos feministas, portanto já detêm um conhecimento sobre a temática, mesmo assim, levantaram como uma grande potência os conhecimentos de gênero na formação profissional, ao ponto, de provocar reflexões e “mudanças em seu comportamento” além do profissional,

nas suas relações pessoais privadas e públicas. Como mencionou Paulo Freire o *conhecimento liberta* para vida em sociedade.

A disciplina de gênero de fez importante pois mudou minha visão e pensamento quanto as relações sociais e hierarquização quanto ao sexo já estabelecidas. Gerou muitos conflitos internos, bem como muitas discussões (saudáveis) com pessoas próximas, que reproduzem e reforçam o machismo continuamente. Tenho grande interesse em me aprofundar no tema, pois despertou grandes indagações e anseios dentro de mim (E10, 2018).

Foi muito bom, pois a matéria trouxe desde quando tudo começou, a história, a realidade, as percepções e transformações. Esse semestre. tive como um grande aprendizado a matéria de gênero que vou levar para a vida e profissão (E3, 2018).

Sim, passei a ter uma visão mais crítica de acontecimentos cotidianos, e que muitas vezes passavam despercebidos (E6, 2018).

Na última questão da pesquisa “*A sua percepção sobre gênero mudou após participar da disciplina de gênero? Se sim, o que mudou?*” entre os 9 entrevistados que concluíram em 2017 e os 16 concluintes em 2018, todos responderam positivamente. Verificamos que nessas respostas o estudo de gênero aprofundou a reflexão sobre o tema na vida profissional e pessoal, associou as relações de gênero com a prática profissional, trouxe à tona a cultura machista no mundo e, primordialmente, levantou a problematização e desconstrução de paradigmas dos próprios discentes.

(...) me coloco agora como homem é assumo sou machista, fui construído assim, me fizeram assim, após a faculdade, sim, muitas ideias foram construídas e desconstruídas, mesmo com algumas dificuldades durante a disciplina, foi de suma importância, com todas as discussões e ideias debatidas durante as aulas foram um semente para construir a problematização a cerca do assunto. (E8, 2017)

Minha percepção mudou, tinha uma ideia totalmente distorcida sobre o assunto. Infelizmente minha criação foi baseada em princípios discriminador. Posso dizer que com o conhecimento adquirido hoje por conta da matéria, mesmo assim, em brincadeiras, me pego as vezes reproduzindo atitudes adversas. Identifica las e me policiar é um habito que deve ser exercido a cada dia. Somos sujeitos de direitos iguais, eu não tenho o direito de impor ou subjugar dentro do conceito construído durante a minha vida, o meu próximo, mas respeitar a cada um em suas diferenças. (E5, 2018)

O conhecimento acerca da história da luta das mulheres por direitos iguais, sem distinção de gênero, despertou nas(os) discentes a reflexão do papel da mulher na sociedade e, primordialmente, questionamentos.

Sim, mudou pois a disciplina de gênero me trouxe a reflexão da disparidade histórica que a Mulher carrega sobre ela na sociedade. E a luta pela busca de igualdade (E13, 2018).

(...) durante a disciplina, houveram vários questionamentos que ajudaram a aprofundar discussões sobre gênero e o papel da mulher na sociedade contemporânea. (E7, 2017).

(...) a disciplina proporcionou uma visão mais ampla sobre a questão de gênero, especificamente da mulher na sociedade (E5, 2017).

Através da disciplina específica de gênero, os discentes também conseguiram ter um maior entendimento sobre a produção e reprodução da cultura machista e patriarcal, levando em consideração as diversas culturas existentes no mundo.

(...) Com as aulas podemos entender melhor a cultura machista e que a reproduzimos e somos vítimas. A matéria nos auxiliou a manter o olhar atento a reprodução da violência enquanto profissional, e também a entender as diversas culturas dos países do oriente, do ocidente e suas diferenças. (E5, 2017).

A minha percepção sobre gênero mudou, pois passei a entender melhor o como é formado e organizado a nossa sociedade (estruturada no patriarcado), e o como essa questão se reproduz no nosso cotidiano. Principalmente sobre as concepções sobre os gêneros. A disciplina possibilitou ver que já viemos com um gênero já estabelecido, Homem e Mulher, cada qual com suas características. Mas tais diferenças fizeram com que a mulher sofresse mais com injustiças e na matéria podemos ver que somos diferentes biologicamente mas iguais na perspectiva do Direito (E1, 2018).

(...) as relações de gênero que estão enraizadas na sociedade, na estrutura social com ranço do machismo e patriarcado. Após o processo de discutir em grupo, conhecer as manifestações de gênero no cotidiano (E8, 2018).

Além disso, as(os) discentes relacionaram o conhecimento adquirido na disciplina com a prática profissional, destacando a ampliação e apropriação dos conhecimentos fornecidos nas aulas de gênero para o aprimoramento das suas intervenções profissionais, colocando-se como agentes da mudança, uma vez que somos majoritariamente mulheres atendendo, em sua grande maioria, mulheres, primordialmente genitoras e donas do lar.

A disciplina contribui muito para as ações pessoais e profissionais, fazendo com que os alunos e futuros profissionais tenham uma visão mais ampla do assunto e possibilita que os profissionais trabalhem de uma forma mais voltada a questão de gênero na sociedade civil (E7, 2018)

Sim, muitas coisas em relação ao papel de gênero mudaram, sobretudo ao que diz respeito a nossa atuação enquanto assistente social, uma vez que somos majoritariamente mulheres nesta profissão (E5, 2017)

Do mesmo modo, ressaltou a importância de compreender raça e etnia dentro da questão de gênero na atuação profissional, legitimando inclusive o projeto ético político.

(...) refletimos também sobre a questão da mulher, solo, negra na sociedade brasileira. Essa disciplina é fundamental para o curso de serviço social. Tendo em vista que no Código de Ética Profissional preza a não discriminação de gênero, cor e raça (E8, 2018)

Sim, pois, através da disciplina podemos compreender que a existência de gênero se manifesta através da desigualdade na distribuição das responsabilidades e papéis nas relações sociais, e que esses papéis e responsabilidade atribuída a cada indivíduo conforme seu sexo, classe e raça, afetam diretamente o acesso do mesmo à sua própria sobrevivência (E2, 2018)

Essa importância que os estudos de gênero têm, é encontrado, como vimos até agora, na maioria das respostas das(os) próprias(os) entrevistadas(os). Em algumas verificamos até a solicitação do aumento da carga horária da disciplina, como vemos abaixo:

Minimamente consigo entender gênero. No meu ponto de vista o assunto é polêmico deveria trabalhar mais na graduação (E1, 2017).

Diante o exposto, acredito que a mesma poderia ter uma carga horária muito maior em vista de sua importância, uma vez que traz mudanças não só no âmbito profissional, mas também pessoal (E4, 2017).

Entendo que se trata de um conteúdo tão estenso e necessário, mais semestres para uma compreensão mais aprofundada dessa matéria (E1, 2018).

Mediante as análises observamos que a grande maioria das(os) discentes afirmaram a essencialidade da disciplina específica de gênero para o curso de Serviço Social, sendo que a percepção da temática foi aperfeiçoada, inclusive havendo transformações nas relações pessoais e profissionais.

Minha percepção mudou, a matéria ao meu ver é de suma importância. O conhecimento que a matéria de Gênero agrega, vai além do biológico, masculino e feminino. Gênero é poder conhecer o outro e suas diferenças. É reconhecer a estrutura imposta em uma sociedade, identifica las em nós, para então, olhar para o diferente com respeito, amor, como uma construção do sujeito em uma esfera conjunta de direitos. Somos seres humanos diferentes por sermos seres únicos, psiquicamente, biologicamente e socialmente,

individuais e ao mesmo tempo coletivos. Não dá para sentir o que outro sente, mas dá para impor limites a nos mesmo pela diferença do outro e respeitando o outro como ser social de direito. "Tratar o diferente com naturalidade, assumir o protagonismo da nossa vida sem medo e na mais bela das diferenças" (E1, 2018).

Além da apresentação dos dados coletados demonstrarem a incontestável relevância do debate sobre gênero através da disciplina, concluímos que a disciplina de gênero possibilitou um conhecimento e estimulou um envolvimento na defesa dos direitos e na promoção da igualdade de gênero. Entretanto, no contexto atual, estamos vivenciando um retorno do conservadorismo ao Brasil, colocando em risco o debate de gênero e, subsequentemente, a disciplina nos currículos de Serviço Social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, bibliográfica e de campo, concluímos que é evidente a necessidade de uma disciplina específica de gênero no interior dos cursos de Serviço Social, visto sua capacidade de transformação social e viés de sociedade justa e igualitária, que evidencie a equidade social. A profissão só adentrou a discussão crítica sobre gênero a partir de 1990, portanto fica evidente a urgência da superação desse atraso através da inclusão dessa disciplina na grade curricular de todas as faculdades de Serviço Social, com docentes preparados para trazer questionamentos e reflexões como a divisão sexual dos papéis de gênero, equidade social, o princípio organizativo da horizontalidade, patriarcalismo e, sobretudo, o histórico do movimento feminista e seu significado.

Para o Serviço Social, além de valorizar a profissão, majoritariamente feminina, os estudos de gênero auxiliam na prática profissional com as expressões conjunturais da questão social, visto que seu público de atendimento também se constitui principalmente por mulheres, assim a disciplina auxiliaria no fortalecimento do combate a formação da desigualdade, da discriminação e da opressão contra as usuárias, ou seja, tudo o que o projeto ético-político profissional pugna.

Apesar da PUC Campinas/SP já ter a disciplina em sua grade curricular do Serviço Social, atentamos para a solicitação das(os) discentes/entrevistadas(os) ao aumento da carga horária da disciplina, enquanto destaque da importância e relevância do tema na qualificação profissional, já que a discussão de gênero, no serviço social, aproxima a profissão dos movimentos feministas, resultando na criação de núcleos de estudos e pesquisas sobre as temáticas de gênero e violência, bem como aflora nas(os) profissionais a produção de discursos feministas, principalmente no que concerne as lutas das minorias sociais, o enfrentamento da violência contra as mulheres, a igualdade de direitos entre homens e mulheres, entre outras.

Gênero é uma das disciplinas mais importantes, não só para o curso de Serviço Social, mas para qualquer graduação, porque envolve, para além das relações humanas, uma estrutura social e cultural machista e patriarcal que “permite” as relações de violência e a naturalização da opressão sobre as minorias. Tal relação envolve qualquer ser humano, portanto, todos deveriam estudar a matéria e se aprofundar na raiz da questão de gênero, para que dessa forma deixe de existir os discursos patriarcais e as relações machistas e sexistas na sociedade (E5, 2018).

Nossa pesquisa ressaltou a visão dos principais sujeitos da formação profissional, as(os) discentes, pois serão o futuro da profissão e como tais devem estar preparadas(os) para a atuação e intervenção nas expressões da questão social, inclusive no combate a responsabilização da mulher às questões familiares e de cuidado, o que a enclausura no âmbito privado, dificultando sua saída para o espaço público.

REFERÊNCIAS

- FAURY, M. Estudando as questões de gênero em serviço social. **Revista Pro-Posições**, Campinas, v. 14, n. 1, jan./abr. 2003. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643910/11377>>. Acesso em: 22 out. 2017.
- LISBOA, T. K. Gênero, feminismo e Serviço Social: encontros e desencontros ao longo da história da profissão. **Rev. Katálysis**, Florianópolis, v. 13, n.1, p. 66-75, jan./jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rk/v13n1/08.>>. Acesso em: 22 set. 2017.

PAULO NETTO, J. A Construção do Projeto Ético-Político do Serviço Social. In: _____. **Serviço Social e Saúde: Formação e Trabalho Profissional**. Brasília: [s.n.], 1999. Disponível em: <http://www.ssrede.pro.br/wpcontent/uploads/2017/07/projeto_etico_politico-j-p-netto_.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2017.

_____. **Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

SAFFIOTI, H. I. B. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu**, São Paulo, v.16, p.115-136, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cpa/n16/n16a07.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2017.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil para a análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, jul./dez. 1990.

SILVA, M. O. S. **O Serviço Social e o Popular: resgate teórico metodológico do projeto profissional de ruptura**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002.